

LÍNGUA HYSKARIANA EM AÇÃO: ENSINO E APRENDIZAGEM EM NHAMUNDÁ/AM

NOME DO PROPONENTE: LUIS ALBERTO MENDES DE CARVALHO
GRANDE ÁREA DE CONHECIMENTO: LINGUÍSTICA, LETRAS & ARTES
ESCOLA/UNIDADE: ENERYBARBOSA/CESP/UEA

1. OBJETIVOS:

1.1 Objetivo Geral:

Promover o processo de ensino e aprendizagem da leitura e da escrita da língua hyskariana junto a alunos do Ensino Médio em uma escola da rede pública de Nhamundá/AM.

1.2 Objetivos Específicos:

- Identificar elementos gramaticais na fala e na escrita da língua hyskariana a fim de utilizá-los em um curso no Ensino Médio em Nhamundá/AM, em parceria com a escola pública;
- Analisar aspectos da natureza motivadora que fortaleçam o uso da língua hyskariana entre falantes nativos e não nativos;
- Promover a divulgação da língua hyskariana em meios de comunicação vigentes na sociedade.

2. JUSTIFICATIVA:

O domínio sobre as populações autóctones da região geopolítica conhecida como Baixo Amazonas ainda é visível, atualmente. Apesar dos avanços trazidos pelo dominador, o processo histórico registra que as políticas desenvolvimentistas têm servido de base, justificativa e ponto de convergência ao que se denomina de progresso regional. Paralelamente, no entanto, a promoção efetiva da igualdade étnica, cultural, linguística entre brasileiros, pouco tem mudado neste cenário.

Enfraquecidas pelas contínuas imposições legais e práticas que levam ao desuso, a língua, ou as línguas, utilizada(s) por parcelas minoritárias da população tende(m) ao desaparecimento iminente. O que há de ser feito, com o propósito de se resguardar um direito subjetivo à preservação, ou conservação, da identidade linguística hyskariana, considerando-se as condições desfavoráveis em todos os sentidos?

Estudos a respeito da educação indígena e do fortalecimento de línguas mostram que é possível a manutenção de sistemas de signos que apresentam vulnerabilidade linguística, como a situação que ocorre entre falantes da língua hyskarianas, no município de Nhamundá, cidade situada em uma ilha no Estado do Amazonas, na divisa com o Estado do Pará. Numa escola pública dessa cidade, uma parte dos alunos conhecem a língua hyskarianas e podem repassar seus conhecimentos a colegas que falam apenas a língua portuguesa.

Além disso, há de se considerar que um dos aspectos mais importantes para o processo de ensino aprendizagem é a valorização do próprio conhecimento de mundo, o que ocorre por meio das representações presentes na linguagem. Nessa conjuntura, promover estudos e consequente, ensino da língua hyskariana, envolvendo nessa prática alunos, tanto para o ensino, quanto para a aprendizagem fortaleceria a prática da iniciação científica em sala de aula, além do fortalecimento das línguas de grupos étnicos amazonenses. Pelo precedente, tal iniciativa se constituiria em fenômeno escolar de relevância social, cultural e científica, pilares do processo formativo, seguindo-se os procedimentos sugeridos pela articulação da cognição construtivista.

A proposta que fundamenta esta intenção de pesquisa, trata-se de viabilizar um curso de língua hyskariana, pelo período de dois anos letivos, a ser ministrado por alunos do ensino Médio da Escola Estadual Professora Enery Barbosa dos Santos, em Nhamundá, a um grupo delimitado de alunos na mesma instituição, com vistas a produção escrita e fortalecimento do uso social daquele idioma.

O ensino e a produção escrita de qualquer idioma pode possibilitar a percepção do quanto a compreensão da linguagem é importante para a formação do pensamento crítico, nas derrubadas de paradigmas, nas quebra de tabus, nas rupturas das abordagens convencionais aos problemas escolares como a falta de participação de discentes no processo de construção do saber sistematizado, bem como na reconstrução desse labirinto incerto e cediço chamado “vida social”.

Não se conclua, no entanto, que a prática de iniciativas como a atual proposta seja suficiente para equacionar o problema de marginalização por que passam as línguas autóctones na região. Porém, como resgate à dignidade dos falantes, que por vezes se sentem envergonhados em utilizar sua identidade linguística e, como exercício de cidadania, proposto pelos Parâmetros Curriculares, joga-se que o trabalho em tela tem sua validade.

3. METODOLOGIA/TÉCNICA/PROCEDIMENTOS:

O caminho a ser percorrido pelo projeto de fundamentos na etnolinguística, pesquisa ação, natureza qualitativa, observacional e analítica, ou seja, especificidades da Pesquisa Social em Educação (SANDÍN ESTEBAN, 2010), cuja finalidade não assenta o objeto a ser estudado em bases empíricas, e sim, psicológicas e observacionais. Para tanto o levantamento bibliográfico será necessário ao fundamento epistêmico e, a posteriori, análise qualitativa do material coletado e divulgação.

O método de procedimento da pesquisa será o estudo de caso e a técnica a ser utilizada para a coleta será observação direta intensiva, por meio da observação participante e entrevista com demais sujeitos (MARCONI & LAKATOS, 2010).

A interpretação e compreensão dos resultados terão suporte da concepção interacionista da linguagem, tanto do contexto social dos sujeitos, quanto do objeto central (fortalecimento da língua hyskariana). A análise final será realizada a partir dos pressupostos teóricos a respeito da Educação Indígena, Linguística Aplicada e Ensino de Gramática.

Além disso, serão consideradas as especificidades do processo de educação indígena, o ensino da língua hyskariana, o que pode provocar alterações pontuais no plano inicial de trabalho, a fim de se ajustar os objetivos da presente proposta.

Neste sentido, a metodologia teve início com a observação do campo, levantamento bibliográfico (em andamento), articulação com a escola parceira, escolha não aleatória dos demais sujeitos envolvidos na proposta, a implementação das ações e divulgação dos resultados. Como abaixo discriminado:

- 1ª Etapa: Observação do Campo;
- 2ª Etapa: Levantamento bibliográfico;
- 3ª Etapa: Articulação com a escola parceira;
- 4ª Etapa: Escolha não aleatória dos demais sujeitos envolvidos na proposta;
- 5ª Etapa: A implementação das ações;
- 6ª Etapa: Criação de um *site* ou *blog* para se promover a interação com os leitores a respeito do trabalho desenvolvido e sua legitimação científica.

4. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA:

O reconhecimento à relevância do fortalecimento das línguas autóctones no atual contexto brasileiro e, mais especificamente, no amazônico é indiscutível. No entanto, há de se salientar que

as políticas ao fortalecimento, ou a conservação dessas línguas ainda é uma realidade muito distante da ideal. Por exemplo, pouco, ou quase nada, se detecta no currículo escolar como uma possibilidade prática de ensino de língua indígena nas escolas (BARCELOS, 2011).

O esforço no fortalecimento das políticas de valorização das língua subjogadas poderia ganhar mais espaço e desenvoltura, ou seja, ser viabilizado, no próprio ambiente escolar, onde o convívio e uso linguístico é precedido pelas bases da igualdade social. Além disso, as práticas de ensino e aprendizagem, com base na cientificidade, precisam ampliar espaço nas salas de aulas, baseando tais práticas em metodologias lúdicas e participativas, nas quais, as possibilidades de os discentes protagonizarem a maior parte de suas aprendizagens podem se fazer mais presentes no espaço escolar (NEVES, 2010).

Pelo pressuposto, se pretende eleger duas linhas de atuação, ou seja, a iniciação científica e iniciação à docência a fim de se propor estratégias para o ensino da língua hyskariana em uma escola pública, por se acreditar que esta prática seja necessária ao envolvimento mais efetivo dos discentes em seu percurso de aprendizagem. Pois se propõe o ensino da língua hyskariana, por alunos do Ensino Médio, a alunos desse mesmo nível, por um período correspondente há dois anos.

O ensino proposto seria baseado na utilização dos conhecimentos gramaticais de uso daquela língua (VIEIRA & BRANDÃO, 2010), em produções escritas e faladas, em ações coordenadas por um professor de metodologia de ensino de Língua Portuguesa, atuante em instituição de nível superior, a saber, no Centro de Estudos superiores de Parintins – CESP, da Universidade do Estado do Amazonas – UEA.

Estudar o processo formativo, cognitivo e de fortalecimento das línguas sobreviventes na região amazônica pode ser um meio de se promover a inclusão social, a partir da escola básica e ser, igualmente, para as rupturas das abordagens convencionais em sala de aula e para promover o redimensionamento dos problemas causados pela falta de interesse dos alunos em participar, mais ativamente, do próprio processo de aprendizagem. Assim, as ações do projetos visa também melhorar a participação discente no fortalecimento da identidade linguística necessária a esta região do país por meio do ensino da língua hyskarianas.

É nesse sentido que o discente precisa se tornar cada vez mais autocrítico, reconhecer que as situações em sua sala de aula lhe exigem abandonar a prática costumeira de audição de conteúdos e buscar novos caminhos, novas ideias, novas atitudes, (TARDIF & LESSARD, 2008), a fim de melhorar a qualidade de sua aprendizagem. Inserir os estudantes nas mais diversos ambientes

formais de aprendizagem, sobretudo, no Ensino Médio, não se constitui em uma prática inovadora, mas, sem dúvida trata-se de uma prática educativa motivadora.

Seguindo essa assertiva, o reconhecimento à importância da pesquisa no atual contexto amazônico é indiscutível. No entanto, formar alunos pesquisadores, principalmente, na educação básica, ainda é um desafio que precisa ser enfrentado (BECKER, 1993). As melhorias dos processos cognitivos e de educacionais provenientes da inserção do discente do ensino público em práticas e atividades de projetos de pesquisa, quando contextualizada, torna-se uma ferramenta indispensável à preparação de indivíduos capazes de ler criticamente a realidade, transformando-a através do conhecimento.

Para Galiazzi (2011, p. 56), defende que “educar pela pesquisa” é a palavra de ordem para a renovação do ensino, pois é notório que os estudantes não aprendem pela imitação, e sim pela criatividade em questionar a sociedade. Segundo o raciocínio defendido pela pesquisadora, “o professor que educa pela pesquisa estará mais capacitado a produzir conhecimento [...], mudando sua ação pouco reflexiva e de resistência passiva para um posicionamento crítico”. É daí que emerge a noção de Iniciação Científica que, como instrumento que possibilita o contato do aluno com as atividades inerentes à prática científica, sendo o meio adequado de uma nova formação discente.

Entender o mecanismo dessa prática, pode abrir caminho efetivo para se avaliar as causas e decorrências que incidem na aprendizagem, bem como no ensino (BELTRÃO & GONZAGA, 2013). Assim, as práticas de um ensino contextualizado, apto a tornar o discente protagonista de seu próprio processo de aprendizagem, em tese, estaria assegurado no espaço escolar público.

5. RESULTADOS ESPERADOS:

Promover o envolvimento de discentes do Ensino Médio em atividades práticas de ensino e aprendizagem de língua; promover a participação discente em atividades de iniciação científica em uma escola pública; propor ações de fortalecimento da língua hyscariana através da escrita; elaborar mecanismos de divulgação do trabalho realizado nos meios de circulação de informação; refletir a respeito do eixo articulador língua e sociedade na atualidade e contexto amazônico.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BECKER, Fernando. Epistemologia do Professor: O Cotidiano da Escola. Petrópolis. Vozes, RJ 1993.

- BARCELOS, Valdo. Formação de professores para educação de jovens e adultos. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2007.
- BELTRÃO, Isabel Socorro; GONZAGA, Amarildo Menezes. Narrativas de professores de matemática: desafios nas práticas docentes. Curitiba: Appris, 2013.
- FILHO, Mateus Coelho; GONZAGA, Amarildo Menezes. Iniciação científica na formação de professores: contribuições epistemológicas. Curitiba: Appris, 2013.
- GALIAZZI, Maria do Carmo. Educar pela Pesquisa: ambiente de formação de professores de ciências. Ijuí-SC: Ed. Unijuí, 2011.
- GUEDES, Paulo Coimbra. A formação do professor de português. São Paulo: Parábola, 2006.
- KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine. Os atos de linguagem no discurso. Tradução de Fernando Afonso de Almeida e Irene Ernest Dias. Niterói: EdUFF, 2005.
- MARCONI, Marina; LAKATOS, Eva Maria. Fundamentos de metodologia científica. 7 ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- NEVES, Maria Helena. Ensino de língua e vivência de linguagem: temas em confronto. São Paulo: Contexto, 2010.
- PERRENOUD, Philippe (et all; trad. Cláudia Schilling e Fátima Murad). As competências para ensinar no século XXI: a formação dos professores e o desafio da avaliação. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- SANDÍN ESTEBAN, Maria Paz (trad. Miguel Cabrera). Pesquisa qualitativa em educação: fundamentos e tradições. Porto Alegre: AMGH, 2010.
- SILVA, Kleber Aparecido; DANIEL, Sandra Mari Kaneko. A formação de professores de línguas: novos olhares. Campinas: Pontes Editores, 2011.
- TARDIF, Maurice; LESSARD, Claude (trad. João Batista Kreuch). O trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 2008.
- _____ (trad. Lucy Magalhães) Ofício de professor: histórias, perspectiva e desafios internacionais. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2008.
- TEIXEIRA, Paulo Marcelo. Ensino de ciências: pesquisas e pontos em discussão. Campinas: Comedi, 2009.
- VIEIRA, Sílvia; BRANDÃO, Sílvia. Ensino de gramática: descrição e uso. São Paulo: contexto, 2010.